

PROCESSO DE RETERRITORIALIZAÇÃO DE COMERCIANTES NORDESTINOS NO BAIRRO PAULO CORRÊA NA CIDADE DE PARINTINS AM

Christiana Medeiros Rodrigues¹

Estevan Bartoli²

RESUMO

Os migrantes nordestinos que residem na cidade de Parintins/AM tiveram significativa contribuição na formação social e econômica da cidade. O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de reterritorialização dos migrantes nordestinos na cidade, especificamente no bairro Paulo Corrêa. Os questionamentos compõem os objetivos específicos, almejando entendimento de: i – Como as redes sociais entre migrantes influenciam no processo de migração e nas fases posteriores de reterritorialização; ii - As motivações, causas e principais dificuldades de inserção na sociedade local; iii - O perfil das atividades e quais características aparecem enquanto re-territorializações, como a manutenção de aspectos culturais e identitários. A escolha da pesquisa no Bairro foi devido sua formação ser proveniente de ocupação irregular, apresentando o maior número de habitantes na cidade e com forte influência no comércio e migrações. O artigo é composto por três partes, sendo que a primeira busca discutir as migrações, a desterritorialização e as redes sociais de apoio referenciando autores da geografia. Em seguida apresenta-se a metodologia utilizada no artigo, os dados coletados, e as entrevistas realizadas. A terceira parte apresenta os resultados e discussões sobre o processo de reterritorialização dos migrantes no bairro. A hipótese apontada no artigo é de que muitos atributos identitários e culturais foram reterritorializados em um novo ambiente aparecendo como forma de minimizar os impactos da migração, corroboraram e se obtiveram ao realizar este trabalho.

Palavras-chave: Migração; reterritorialização; redes de apoio; nordestinos.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar as contribuições e o processo de reterritorialização dos migrantes nordestinos na cidade de Parintins, mais precisamente nas áreas de maior centralidade do bairro Paulo Corrêa. Além de compreender o processo de reconstrução do comerciante na sua área de atuação, e descreve-se como as redes sociais e de apoios entre migrantes influenciaram no processo de migração e nas fases posteriores de reterritorialização no interior do Amazonas.

¹ Acadêmica do curso de licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA. Centro de Estudos Superiores de Parintins/CESP.

² Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil (2017) professor da Universidade do Estado do Amazonas , Brasil

Nesse sentido, Nascimento (1998) analisa que “as migrações nordestinas para Amazônia sempre estiveram ligadas às questões de conflitos no campo, coincidindo com os períodos de seca, os pequenos agricultores são os que primeiro sentem os efeitos dela. Além de serem a maioria da população rural sertaneja, eles não tinham alternativa, a não ser migrar”. Foi o que ocorreu com muitos migrantes que vieram para a Amazônia com esperança de melhores condições de vida, e mesmo ao migrar para o local de destino, ainda continuaram mantendo relações sociais com seus parentes e amigos, mesmo que de forma precária.

Também é objetivo desse trabalho identificar as motivações, as causas e principais dificuldades no processo da migração e da inserção na cidade de Parintins e, em seguida, no bairro Paulo Corrêa, sendo este um bairro que durante a década de 1990 esteve em processo de ocupação.

Os grandes proprietários de terras estão sempre interessados no valor de troca da terra e não no seu valor de uso. De acordo com Andrade (2009), em meio a diversas negociações da prefeitura com o dono das terras da fazenda Itaúna nos anos 2000, houve a compra e a doação dos lotes às famílias que estavam em meio a ocupação, e após a sua integração para a categoria bairro com intuito de sensibilizar o antigo dono, passou a chamar-se Paulo Corrêa.

O senhor Paulo Corrêa era dono das maiores terras que haviam sendo ocupadas naquele ano, e por se tratar de um empresário não estava disposto a ceder. A tentativa de sensibiliza-lo com a homenagem dando o nome do mesmo ao bairro, não adiantou, pois no ano de 2002 o empresário entrou com pedido de reintegração de posse das terras. Porém as negociações permaneceram e a compra foi efetivada, apesar de todo o tumulto transcorrido durante esse processo o nome do bairro permaneceu o mesmo.

Como afirma Corrêa (1989), os proprietários de terras podem ver suas propriedades receberem avaliações de investimento público, com projetos de infraestrutura. Novos estratos sociais com rendimento disponível para investir em terra e habitação, e as políticas adotadas pelo Estado para reforçar a reprodução do capital. Isso pode ser alcançado através da expansão do aparelho de Estado. Desse modo, as lideranças políticas e religiosas que se faziam presente nas ocupações negociaram com o antigo dono e conseguiram enfim a posse definitiva.

De acordo com Souza (2013), Parintins, a partir da década de 90, transparecia ser a principal alternativa para uma melhoria de vida, porque as políticas que deveriam atender a população do campo eram insatisfatórias e, na cidade, o Festival Folclórico estava no seu auge; além dos acontecimentos marcantes que estavam ocorrendo na época. Nesse sentido,

muitas famílias estavam se deslocando para a cidade e viram nas ocupações irregulares um meio para conseguir um lote para construção da casa própria.

Por volta de meados dos anos 2000, migrantes vieram a deslocarem-se mais para as áreas periféricas de Parintins (na época os bairros oriundos de ocupações) dando sua contribuição para o crescimento do comércio nessas áreas. Por meio deste artigo, pôde-se entender o processo de deslocamento do seu “lugar”, ou seja, seu ambiente de afetividade, sua desterritorialização até a sua reconstrução, isto é, reterritorialização, termo este utilizado por Haesbaert (1997) com a reapropriação dos espaços, onde há uma dimensão simbólica e afetiva.

O artigo é composto por 3 partes. Na primeira busca-se discutir as migrações e as redes sociais referenciando autores da geografia. A segunda, analisa a vinda para a cidade de Parintins para o bairro Paulo Corrêa, onde apresenta-se a metodologia utilizada, os tipos de dados coletados, e as entrevistas realizadas com migrantes que residem no bairro Paulo Corrêa. Já na terceira, aborda-se a reconstrução em um novo lugar demonstrando o processo de reterritorialização dos migrantes no bairro, e os resultados e discussões.

Durante a pesquisa notou-se as peculiaridades presentes nesses comerciantes, ou seja, características próprias e marcantes que ainda estão bem presentes mesmo nos dias atuais: o sotaque, o modo de trabalhar, culinária, música, interação com conhecidos e amigos adquirido na cidade, e outros. Desse modo, o referido trabalho apresenta elementos que compõem a geografia cultural, sendo este um campo que busca entender as interações entre o homem e os espaços, estabelecendo representações simbólicas e significativas.

1.1 PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO: DISCUTINDO AS MIGRAÇÕES E AS REDES SOCIAIS.

As migrações de nordestinos que ocorreram no Brasil e posteriormente na Amazônia foram desencadeadas por diversos fatores. Vale ressaltar, que essas fortes migrações ocorreram em dois momentos importantes. Contudo, segundo Souza (1978) formaram-se correntes migratórias para os estados da Amazônia incentivadas pelo governo.

Segundo Medeiros Filho; Souza (1984), A Grande Seca de 1877-1879 deu o primeiro passo para a migração ao norte, e o surgimento do ciclo da borracha tornou-se o principal fator de atração da população rural do Nordeste. A migração para a Amazônia durante os anos de seca tem sido uma norma histórica no Nordeste, especialmente no estado do Ceará.

O primeiro ciclo da borracha começou a se formar a partir da segunda metade do século XIX, concomitantemente com a fase monopolista do capital, do imperialismo, e da ascensão de novas potências mundiais. Segundo Pontes (2014) houve uma total importância da mão de obra nordestina na produção gomífera. No entanto, os 30 anos de produção de borracha antes do fim do monopólio foram marcados por uma verdadeira epopeia, desde a chegada dos pioneiros, à formação dos seringais, à migração do nordeste, à mão de obra responsável pela Amazônia/Acre até os seringais, sistema de aviação, que estabelecia relações patrão/empregado ou seringueiro/seringalista, e eventos que levaram ao aumento da produção de borracha na Ásia, que acabou levando à queda da produção brasileira.

Diversos fatores contribuíram para a grande presença dos nordestinos na Amazônia. As razões para essa onda migratória são várias: A primeira ‘seca’: Em 1877, uma grande seca devastou o nordeste do Brasil. O segundo “preconceito”: o nordestino poderia ir para outras regiões do Brasil. A produção de café na região centro-sul era tão grande que os trabalhadores eram necessários em todos os momentos, o nordestino entendia que trabalhar na lavoura de café é uma atividade escrava; que a Amazônia representa a liberdade; que ele é efetivamente seria uma pessoa independente,

O terceiro a “Propaganda”: A propaganda do Nordeste era grande, cartazes nas praças da cidade, mostrando como era fácil enriquecer na Amazônia. Anúncios enganosos contribuíram significativamente para a migração do Nordeste. O quarto “Ilusão”: O “boom” da borracha é visto como uma fortuna fácil e segura. Trabalhadores esperançosamente, uma alternativa para uma vida mais digna. E o quinto “rompimento”: o fato de os trabalhadores rurais estarem efetivamente vinculados à terra de seus patrões, esses quebraram a resistência porque era impossível manter pessoas nas suas terras sem condições de plantar ou de criação de animais.

Todos esses fatores foram responsáveis pela chegada de grande leva de nordestinos na região Amazônica; em maior ou menor intensidade todos contribuíram para a formação populacional do Acre e Amazônia em geral até o declínio da borracha no período de 1913, quando a matéria prima foi exportada de forma ilegal por um botânico inglês na qual teve êxito após a germinação das sementes na Ásia.

Já o segundo ciclo inicia quando a Segunda Guerra Mundial faz ressurgir no cenário da economia brasileira a produção da borracha, fazendo da Amazônia a maior produtora de “látex” novamente. Novamente Pontes (2015) aborda que os Aliados (Inglaterra, França, Estados Unidos e Rússia) ficaram preocupados com a possibilidade de acabarem seus

estoques, pois para eles venceria a guerra àquele que tivesse a maior quantidade de borracha. Dessa forma o Governo Norte-Americano procurou o Governo Brasileiro para garantir que suas necessidades de utilização da borracha fossem supridas, enquanto os seringais ingleses estivessem sob domínio do Eixo. O Governo Brasileiro para atender suas responsabilidades previstas no acordo criou órgãos responsáveis pelo arregimento da mão-de-obra e organização dos seringais. Os trabalhadores recrutados para produção gomífera, muitos desses migrantes e nordestinos, fugiam da guerra e da seca ficaram conhecidos como Soldados da Borracha.

No contexto da Segunda Guerra, o governo conclamava todos os homens para auxiliarem na guerra. As propagandas anunciadas em cartazes eram em sua maioria enganosas; pois eram disponibilizadas de tal forma que faziam com que os aventureiros acreditem na facilidade demonstrada. O próprio Getúlio Vargas conclamava a presença de brasileiros nos trabalhos nos seringais amazônicos. Em média, entre os anos de 1941 e 1945, chegaram à Amazônia cerca 56 mil nordestinos, de acordo com dados do Ministério Público Federal.

Mas não demorou muito para as dificuldades começarem a aparecer, onde quase 30 mil faleceram devido às situações precárias e principalmente doenças. A vida do soldado da borracha, apesar de todas as vantagens demonstradas nas propagandas, era bem difícil, pois ao chegar no local de trabalho ele assinava um contrato regulamentando as relações de trabalho, que o obrigava a vender o produto a determinado e seringalista, e essa obrigatoriedade da venda do produto, tirava o a liberdade da autonomia de venda.

Com o término da Segunda Guerra Mundial em 1945 e a retomada dos seringais no Oriente pelas forças Aliadas, o desinteresse pela borracha e o fim dos acordos com o Brasil era algo iminente. O presidente da agência responsável por liderar a batalha da borracha envia carta ao diretor do Programa da Borracha, aconselhando que os contratos para produção da borracha deveriam ser cancelados. A situação ficou difícil para os seringalistas e para os Soldados da Borracha. Os seringalistas mais uma vez diminuíram a produção até que não conseguiram mais pagar as dívidas e decretaram falência, chegando a vender seus seringais a preços bem abaixo do mercado para pecuaristas vindos do sul na década de 1970.

(...) muitos nordestinos vieram para a Amazônia para simplesmente saborear uma aventura; um número considerável, também, veio estimulado pela passagem gratuita ofertada nos navios da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, assim como pelas promessas do governo. Através de cartazes o governo fazia uma propaganda muito forte de convencimento, dos boatos, dos anúncios dos centros de migração e recrutamento. Benchimol (1982).

Esse deslocamento realizado por migrantes é chamado de processo geográfico de (TDR), apontada por Raffestin (1986, 1988). Onde rotula o conceito de TDR, que significa territorialização-desterritorialização-reterritorialização, que segundo o autor, nossa ligação com a terra, a territorialidade humana, é um componente fundamental desse processo. Afirma que “pode ser definida como o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e, portanto, um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos”

Também Chelloti (2010) aponta que a Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização, é representado quando criado um novo território (T) Territorialização, ao deslocar-se de seu território para outro mesmo que de forma temporária, e causando a destruição de um território (D) desterritorialização, e ao migrar para um novo local causando sua recriação representa o processo de (R) reterritorialização.

Dos três processos que ocorrem com o migrante, a desterritorialização é o ponto de partida, se trata do abandono do território, porém ao mesmo tempo contribui para o processo de reconstrução, ou seja, a reterritorialização. Como enfatiza Haesbaert (2002) a desterritorialização que ocorre numa escala geográfica geralmente implica uma reterritorialização em outra. Não há como falar em desterritorialização desconectada de uma posterior reterritorialização pois :

A desterritorialização e a reterritorialização são contraditórias, mas complementam-se coexistem no tempo e podem coexistir no espaço; são inseparáveis e movidas pela relação em ambos os processos. A desterritorialização num lugar significa reterritorialização noutra, promovendo a mobilidade da força de trabalho e suas características culturais. É um processo inerente à natureza contraditória do espaço e do território. Portanto, a desterritorialização implica reterritorialização na mobilidade da força de trabalho em outro território através de processos econômicos, políticos e culturais que se processam através das redes de relações entre os migrantes e não-migrantes no território de destino e entre migrantes e não-migrantes do território de origem. O migrante efetiva relações com as pessoas conhecidas que ficaram no território de origem e com outras conhecidas na reterritorialização (SAQUET, 2003 p.24).

Existem vários motivos pelos quais os migrantes são induzidos a abandonar o seu local de origem e há uma diferença eminente entre as classes dominantes e as classes subalternas. Para Haesbaert (2005), “a desterritorialização, para os ricos, pode ser confundida como uma multiterritorialidade segura, imbuída de flexibilidade e experiências múltiplas de mobilidade ”ou o casamento com vários lugares”; enquanto, para os mais pobres, a desterritorialização é uma multi ou, no limite uma precária a-territorialidade, em que a

mobilidade se impõe quando se dá como opção, fruto da total ausência de alternativas, "múltiplas e a busca por uma simples sobrevivência cotidiana . De fato, a migração de baixa renda é frequentemente associada à necessidade e à busca de melhores oportunidades.

Como aponta Silva, (2017):

Entender a migração como fenômeno social, significa dizer que, ao migrar o sujeito não está isento de exercer o seu desejo de mudar, e essa mudança pode se dar em várias óticas, como moradia, cidade, estado, região ou até mesmo de país. Nesse ato de partir, o lugar de origem se apresenta como um espaço de saudade ou não, espaço que fala sobre o não conformismo de quem está saindo, a não aceitação por uma vida marcada por dificuldades, por isso a decisão de ir embora. Nesse caso, os que tomam essa decisão de querer sair só ou levando consigo os familiares rompem com vínculos estabelecidos e abrem caminhos na intenção de construir outros rastros de oportunidades (SILVA, 2017, p. 41).

Mas antes de tudo para um migrante sair de seu local de origem e se deslocar para outro é necessária uma rede de apoio que o ajude a chegar ao local de destino, sendo este fundamental no seu processo de reterritorialização. As redes sociais são temas numerosos em estudos, muitos migrantes utilizam na como meio de manterem-se ainda com alguma relação com seu espaço desterritorilizado, ou seja, o seu “local de partida”.

Novamente Haesbaert (2006), aponta que “as redes podem fazer circular a memória, as representações, os vínculos, os contatos familiares, as amizades etc. Há sempre território, aquele do cotidiano, porém, sobretudo aquele da origem que carrega o simbolismo do território deixado que constitui um forte “cimento comunitário” sem o qual a rede não poderia existir e transportar sua memória, seus vínculos e contatos”.

Um dos estudos que relacionam redes e as situações dos migrantes, é do sociólogo Eduardo Marques, o qual aponta que:

De forma eloquente para o papel da família na redução da precariedade e para os indivíduos que não contam com as sociabilidades [...] a migração aparece como elemento discriminador [...] a precariedade incidia em mais da metade dos migrantes (56%), enquanto entre os não migrantes ela chegava a apenas 30%. O elemento destacado parece dizer respeito à baixa integração social de um grupo específico (MARQUES, 2010 p.110).

Ou seja, de forma sutil a presença de amigos ou parentes influencia de forma direta e indireta na vida do migrante que busca se instabilizar numa nova localidade. Na geografia Santos salienta que:

“a rede de migrantes consiste em ligações sociais que ligam comunidades de origem a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços ligam migrantes e não migrantes dentro de uma complexa teia de papéis sociais

complementares e relações interpessoais que são mantidas por um tipo informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos. As relações sociais que constituem as redes sociais de migrantes não são exclusivas aos migrantes, mas se desenvolvem como um resultado de laços humanos universais que são moldados por circunstâncias especiais na migração”(...) (SANTOS, 2007, p. 59).

Também é apontado que a desterritorialização como o movimento pelo qual se abandona o território, "é a operação da linha de fuga", e a reterritorialização, como o movimento de construção do território (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.224 apud CHELLOTI p. 167). Para isso, entende-se que a as redes sociais e de apoio são de fundamental importância na vida de um migrante, pois apesar da esperança de algo novo, ele está passando por um processo de desconstrução de um território para vivenciar outro, com afirma o autor:

Um processo de desterritorialização pressupõe a desconstrução desses afetos pelo lugar e a reconstrução de outros, porém, o sentimento pelo lugar de origem permanece na memória que aparece nas narrativas como memória viva e podem alicerçar o arrependimento e o desejo de retornar para a terra natal, ou pode servir como substrato para a reconstrução de um novo modo de viver no novo lugar, mas mantendo ao menos alguns dos elementos do passado. “[...] A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado [...]”. (PORTELLI, 2016 , p. 18).

As redes de relações sociais ajudam a manter o migrante um pouco mais próximo ao seu local de origem e a não se tornar totalmente desenraizado. Desse modo, a busca por novas oportunidades de trabalhos e modos de vida sempre estiveram acompanhados na jornada marcada por dificuldades e esforço desses migrantes que buscavam por uma reconstrução. Desde o início das correntes migratórias no final do século XIX.

Nesse sentido, o aporte teórico nos ajuda na construção da metodologia da pesquisa, a qual foi realizada por cunho qualitativo, por meio de entrevista com formulário semiaberto (Anexo 1) e levantamento bibliográfico. Os questionamentos que compõem os objetivos específicos, almejando entendimento de: i – Como as redes sociais entre migrantes influenciam no processo de migração e nas fases posteriores de reterritorialização; ii - As motivações, causas e principais dificuldades de inserção na sociedade local; iii - O perfil das atividades comerciais e quais características aparecem enquanto reterritorializações, como a manutenção de aspectos culturais e identitários.

A escolha dos nordestinos para o perfil das entrevistas dessa pesquisa justifica-se pelo fato de que eles contribuíram com o entendimento de uma das correntes migratórias mais importantes na composição social e cultural amazônica. Já a escolha da pesquisa no Bairro

Paulo Corrêa, foi devido ao bairro ser proveniente de ocupação, ter o maior número de habitantes na cidade e ter uma forte influência no comércio e migrações.

A hipótese apontada no artigo é de que muitos atributos identitários e culturais foram reterritorializados em um novo ambiente aparecendo como forma de minimizar os impactos da migração. Nesse sentido, como hipótese secundária, afirma-se que mesmo migrando com faixa etária diferenciadas, existem cargas simbólicas (culturais e identitárias). Pelos relatos longos, optou-se pela demonstração dos dados em sínteses, em que se pode abstrair as mais relevantes de acordo com o formulário aplicado. Já as perguntas mais diretas e com respostas objetivas, optou-se pela demonstração em quadros.

Dessa forma, das 10 questões aplicadas aos 5 entrevistados, cinco são apresentadas em formato de síntese e cinco por meio de quadro. Por meio das perguntas expostas foi possível identificar as motivações, e caracterizar as redes de ajuda, familiares ou de ofício, causas e principais dificuldades enfrentadas pelos nordestinos durante a vinda e após a instalação na cidade.

2 A VINDA PARA A CIDADE DE PARINTINS E A CHEGADA AO BAIRRO PAULO CORRÊA

A cidade de Parintins, localizada no baixo rio Amazonas, na margem direita do Rio Amazonas e distante 368,80 km, em linha reta, e 420 km por via fluvial, da capital do Estado – Manaus, sua área territorial corresponde a 5.956,047km², a População estimada é de 116.439 pessoas, segundo (IBGE, 2020).

Por volta dos anos de 1880 se encontrava em processo de urbanização, estava com um crescimento demográfico acelerado, que foi desencadeado não apenas pelo êxodo rural, mas pela migração de nordestinos e outras pessoas de municípios e estados diferentes, (SOUZA, 2013). Desse modo, a partir da década de 1970 inicia um processo de migração para a área urbana, onde a população da cidade passa a ser superior ao campo.

O processo de urbanização ocorrido em Parintins na década de 1980 redefiniu as relações ocorridas entre a cidade e o campo. O campo passou por um processo de esvaziamento populacional, principalmente devido à chegada da prática da pecuária extensiva para a região (iniciada na década anterior), ao mesmo tempo em que a cidade passou por outro processo, o de inchaço populacional, que acarretou inúmeros problemas, tanto sociais como ambientais aos moradores. (SOUZA, 2013, p. 76).

No ano de 1995, devido às notícias de que havia ocupações ocorrendo em Parintins, as famílias da zona rural e de outras localidades se deslocaram até à cidade a fim de obter terrenos e também para melhores oportunidades na saúde e educação, e esse deslocamento fez com que ocorresse o maior êxodo rural da história de Parintins. Já os terrenos que haviam sendo ocupados se chamavam Fazendas Itaúna, pertencente ao empresário paraense Paulo Corrêa, estes dariam origem a três grandes bairros da cidade.

De acordo com Rodrigues (2008), os interesses de determinados grupos políticos somados a ajuda de religiosos como Gino Malvestio, (padre e posteriormente bispo da cidade de Parintins nos anos 90) ajudaram e motivaram as pessoas no processo de ocupação de terras, tendo em vista a fazenda Itaúna, Desse modo, em primeiro momento formou o bairro Itaúna I, em seguida a segunda ocupação novamente na fazenda originou o bairro Itaúna II e por terceiro a formação do bairro Paulo Corrêa.

De início passou a chamar-se “Bairro da União II”, e em 1997, na tentativa de sensibilizar o dono da área, deram o nome de Paulo Corrêa. Nada adiantou, no ano de 2002, o empresário entrou com pedido de reintegração de posse, porém lideranças políticas e religiosas negociaram a posse definitiva (ANDRADE, 2009). Anos depois, em 2009, parte restante da fazenda viria a ser invadida, transformando-se no Bairro União.

Nos anos 2000, o bairro Paulo Corrêa passou a ganhar força no comércio local. Por apresentar ser um bairro novo, muitas pessoas passaram a se deslocar para essa localidade, em particular comerciantes nordestinos, que já haviam migrado para cidade e viram ali uma oportunidade de venda e estabilidade para suas famílias. Atualmente é o Bairro com maior número de habitantes, sendo 13.666 de acordo com o IBGE (2010).

Pensar na formação social de Parintins sem incluir os nordestinos seria impropriedade, sendo eles um dos principais contribuintes, principalmente quando se trata de comércio, pois a maneira pela qual realizavam suas vendas era diferenciada daquelas praticadas por comerciantes locais. Com todo o processo histórico e de formação do Paulo Corrêa e com tudo que o bairro representa para seus moradores. Buscou-se entender como as redes de apoio ajudaram os migrantes nordestinos a se reterritorializar no bairro.

Nesse sentido, delimitou-se determinada área do bairro que possui significativa presença desse tipo de migrante para que ocorressem as entrevistas, mais necessariamente na área central do bairro representado no mapa do bairro na figura 1. Desse modo, foram entrevistados cinco migrantes que responderam os formulários semiabertos qualitativos de forma sucinta, porém colaborativa para a realização dos dados.

Figura 1. Bairro Paulo Corrêa



Fonte: Google Earth, 2023 – elaborado pela autora

Como explicitado na metodologia, a primeira questão levantada durante a pesquisa foi relacionada à rede de apoio que cada entrevistado teve ao chegar à cidade. Quatro afirmaram ter tido alguma rede de apoio ao chegar, pois segundo eles já possuíam parentes ou amigos que já moravam na cidade. Apenas um entrevistados deu seu relato afirmando que quando veio para o Amazonas, ainda criança e com sua família, não conheciam ninguém, e vieram porque o patriarca da família havia sido convocada para ser soldado da borracha. No enxerto o entrevistado aborda:

“O pai tinha um desejo muito grande de vir pro Amazonas e aconteceu na época da borracha, faz um bom tempo já, em 1956 eu era menino ainda. A intenção do meu pai era ir pra borracha, mas ele mudou de ideia depois de falar com um sargento que tinha ido. Então ficamos em Manaus e depois fomos para os interiores, como o papai tinha muita vontade de conhecer Parintins nós “viemo” pra cá e aqui ficamos”.

A pergunta referente à motivação, causa e o processo de adaptação até sua reconstrução. Todos os entrevistados afirmaram que a busca por melhores condições de vida incentivou na mudança para Parintins e que mesmo com as redes de apoio e ajuda, enfrentaram vários desafios até se estabelecerem e terem seu próprio negócio. Como relata o questionado:

“No início o clima incomodou um pouco, era muito quente, cara, mas quando a gente tem um objetivo isso é de menos. Porque lá onde a gente morava era muito difícil o trabalho, a gente trabalhava lá na

roça, a seca castigava a gente e não estava dando, então “viemo” para cá procurando melhora mas primeiro viemos para Manaus, e vim pra cá passei 3 anos voltei para minha cidade porque a mãe adoeceu e não se acostumou com o clima, então passei um ano lá e voltei de novo para cá sozinho e aqui fiquei. o período mais difícil que a gente passou, foi o tempo que a gente não trabalhava pra gente, entendeu, e foi indo foi indo e até que a gente conseguiu trabalhar para gente mesmo, foi quando deu uma melhorada”.

Em relação à pergunta referente a oportunidade de trabalho no bairro em que é perguntado aos entrevistados se haviam visto no bairro, e quais as carências vistas naquele momento. Cada entrevistado expôs as características do bairro de acordo com a área de cada um. Quatro entrevistados relataram que quando foram morar no bairro ainda estava em processo de ocupação, as ruas estavam começando a ser construídas, poucos comércios, iluminação e água precária. Um dos entrevistados relatou que quando se mudou, observou que não havia nenhum estabelecimento de açougue nas proximidades. Uma atividade comercial na qual já se praticava por familiares em sua terra natal e por esse motivo buscou, nesse meio, sua oportunidade de renda. Como mostra o excerto:

“Na época quando cheguei pra cá ainda era terra batida e “chei” de tucumãnzeiro, não tinha quase nada, mas tinha muita “galera”(grupos marginalizados ou gangues), como é um pequeno “negoci” que eu tenho né pro bairro seria bem melhor adaptar um açougue por que aqui num tinha e graças à Deus deu certo”, e é disso que vivo até hoje.

Em relação ao comércio, o excerto ilustra que quase todos os contribuintes das entrevistas possuem alguma semelhança com o tipo de comércio, como a venda de produtos fracionados típicos de bairros populares no início dos anos 2000 e até os dias atuais. Apenas dois se diferem dos restantes, com a venda de carne bovina, ou seja, açougue, e outro entrevistado que trabalha com estivas e venda de pão. Mesmo com essas atribuições, continuam com as vendas de outros produtos. A figura 2 ilustra o padrão muito comum nos bairros populares de Parintins, onde os produtos são expostos nas calçadas, visíveis ao público.

Figura 2: Fachada e características do comércio



Fonte: trabalho de campo – 2023, organizado pela autora

Desse modo, na fachada de todos os comércios observados possuem praticamente as mesmas características, a venda de carvão, a ração vendida de acordo com a quantidade pedida pelo cliente, vassouras, verduras e temperos. Estão todos expostos para o cliente adquirir, e é nesse momento que esses comerciantes se tornam diferenciados, pois nem que seja pelo preço a menos, eles não deixam de realizar suas vendas.

Outra pergunta aplicada abordou a vontade de retornar definitivamente ao local de origem e quais seria os motivos pelo qual permaneciam. Nesse sentido, todos os entrevistados disseram que pretendem permanecer no bairro, por conta da família, amigos, comércio e vínculos afetivos que criaram ali. E que já retornaram para seus locais de origem apenas para passeio. Como relata no enxerto:

“Não, só para visitar mesmo, minha família, minha esposa, filhos e netos são todos daqui. A minha vida foi toda construída aqui e meu comércio também, aqui pretendo ficar, daqui só pra (atrás da catedral)”

Quando o entrevistado relata a expressão “atrás da catedral” está se referindo ao cemitério da cidade que fica localizado atrás dá catedral de Nossa Senhora do Carmo, em Parintins. Ao expressar sua fala, expõe o desejo pela continuidade no seu lugar reconstruído, assim como o restante dos entrevistados.

Os quadros a seguir mostram respostas curtas e mais objetivas relacionadas aos anos de permanência no bairro, renda familiar, meio de comunicação que utilizou para obter

alguma informação da cidade, hábitos culinária, música, entretenimento, amigos, uso de rede social, como faz pra manter vínculos e identidade))e se pretendem permanecer no bairro.

Há quanto tempo mora na cidade e no bairro?

Quadro 01: tempo em que os entrevistados moram na cidade e no bairro.

Entrevistado	Síntese
1	42 anos de Parintins e 17 anos de Paulo Corrêa veio de Tuína-CE
2	29 anos de Parintins e 18 anos de Paulo Corrêa veio de Santa Inês-MA
3	21 anos de Parintins e 15 anos de Paulo Corrêa veio de Crato-CE
4	22 anos de Parintins e 10 anos de Paulo Corrêa veio de Santa Inês-MA
5	59 anos de Parintins e 22 anos de Paulo Corrêa veio de Sobral-CE

Fonte: Trabalho de campo, data exata 2023. – organizado pela autora

Vale ressaltar, que antes desses migrantes se deslocarem para o bairro Paulo Corrêa, eles residiam em outras partes da cidade. Ou seja, fica evidente que esses sujeitos passaram metade de suas vidas fora do Paulo Corrêa, o bairro passa a ser a construção do espaço geográfico periférico, através de uma ocupação irregular, uma maneira de que a cidade vai se reproduzindo em amplas escalas, assim como a Amazônia e o Brasil foram reproduzida. As periferias formadas por migrantes que veem na obtenção da sua moradia um elemento para minimizar a pobreza e melhorar sua condição de vida (muitos saindo do aluguel) a não oferta de moradia na cidade faz com que esses sujeitos ocupem periferias

Desse modo, Corrêa (1995) aborda que a camada populacional excluída se torna a gente modelador do espaço urbano. Por meio da produção de favelas em ocupações, em terrenos públicos e privados que esses grupos sociais se tornam agentes modeladores. “A ocupação destes terrenos que dão ensejo à criação das favelas é uma forma de resistência à segregação social e sobrevivência ante a absoluta falta de outros meios habitacionais”. É observado nessas ocupações que a urbanização é progressiva até se tornar um bairro popular, a busca pela melhoria das condições de vida faz com que o Estado por diversos motivos destina recursos para à urbanização dessas ocupações.

Todos os entrevistados do quadro 1 relataram que moram mais de 20 anos em Parintins e mais de 10 anos no bairro, ou seja, todos de certo modo antes, durante e após a mudança para o bairro viram sua construção, seus desafios e carências que o Paulo Corrêa

possuía a época e, mesmo com as dificuldades no início, permaneceram nessa localidade, persistiram e com o tempo foram adquirindo êxito.

O que você sabia da cidade antes de vir para cá, e quais meios de comunicação utilizou para adquirir essa informação?

Quadro 02: conhecimento sobre o lugar

entrevistado	Síntese
1	<i>“Não conhecia nada ainda. Através de telefone eu falava com a minha irmã que já morava aqui”</i>
2	<i>“Não conhecia nada, eu era criança. A gente se comunicava por carta com o pai e demorava um mês pra chegar”</i>
3	<i>“ Era telefone, só ouvia falar do festival, não conhecia ainda ”</i>
4	<i>“ Só ouvia falar do boi, os parceiros que já tinham vindo que falavam, vez outra a gente se falava por telefone”</i>
5	<i>“Não sabia nada, não conhecia nada. A única informação era que meu pai vinha trabalhar na borracha e trouxe toda família.</i>

Fonte: Trabalho de campo, data exata 2023. – organizado pela autora

Nota-se como o imaginário sobre o que é a Amazônia, como lugar de oportunidades foi potencializado pela presença dos festejos, em especial, o festival folclórico. Conhecido por todos os entrevistados antes mesmo de chegarem ao Amazonas, mostra que Parintins de certo modo possui uma influência significativa diante de outras cidades do Amazonas, sendo na cultura ou em ponto estratégico para o comércio.

De acordo com os entrevistados acima, o único conhecimento que possuíam da cidade eram os relatos de conhecidos à eles, não imaginavam que a região pudesse ser tão diferente daquilo que se era acostumado. No entanto, mesmo com apenas poucas informações desencadeada com diversos fatores, embarcaram em uma nova jornada rumo a Parintins.

Quadro 03: Que hábitos (culinária, música, entretenimento, amigos, uso de rede social, como faz pra manter vínculos e identidade) você continua mantendo do o seu local de origem?

Entrevistado	Síntese

1	<i>“ Eu não nego minha origem a ninguém, meu sotaque continua o mesmo, a comida de lá ainda faço e como direto. Além dos parentes, tenho meus amigos também que sempre falo pelo zap”</i>
2	<i>“Como vim jovem, ainda gosto da música, a comida também sempre faço, e também ainda mantenho contato com meus amigos de lá” Meu sotaque continua também, daqui gosto muito da música.</i>
3	<i>“Apesar de eu ter vindo bem pequeno, a cultura continuou a mesma, minha mãe sempre fazia a comida de lá e as música que eles ouviam era de lá. Então mesmo eu não estando na minha cidade natal, mas fui criado com a cultura de lá”</i>
4	<i>A maioria dos nordestinos aqui se conhecem,, muitos até são de cidades e estados diferentes, mas como somos todos nordestinos a gente até se trata como parente, nosso sotaque continua, as “bagunça”, a comida, todo dia como feijão, mas também gosto do peixe daqui e da farinha também.</i>
5	<i>“A única coisa que continuo comendo é o feijão, mas a base da minha alimentação mesmo é o peixe, é que tem pouco no nordeste, aparece, mas é pouco e aqui mais é peixe e eu gostei”</i>

Fonte: Trabalho de campo, data exata 2023. – organizado pela autora

Todos os entrevistados relataram que a culinária e o sotaque são os principais hábitos e identidade que cada um mantém, outros afirmaram que a música também faz parte de seus cotidianos, mas incrementaram as músicas locais também. Além disso ainda mantém contato com os amigos de sua terra natal por meio de rede social como facebook e whatsapp, e se comunicam ainda com a maioria dos nordestinos comerciantes de outras áreas da cidade, todos afirmam que se conhecem e se tratam como parentes por serem conterrâneos da mesma região. Os entrevistados quatro e cinco afirmaram que se adaptaram com a alimentação amazonense e incluem o peixe na sua alimentação, mas que ainda consomem o feijão e o arroz no cotidiano.

A questão do entretenimento, mudou, devido ao matrimônio com mulheres Parintinenses e ribeirinhas, como o caso do entrevistado 4, que afirma que sua esposa é da comunidade do Paraná do cima³, e que seu meio de lazer nos finais de semana é ir com sua família para a comunidade, para pescar e relaxar. Os outros afirmam que preferem ficar em casa, trabalhando (para não perder dinheiro) mas que as vezes saem para casa de amigos. Os hábitos, principalmente o de acordar cedo ainda os acompanham, todos afirmaram que foram

³ Comunidade ribeirinha próxima ao município de Parintins- AM.

acostumados dessa maneira desde quando moravam na sua terra natal e quando chegaram em Parintins permaneceu devido ao trabalho.

Quadro 04: Pretende permanecer morando na cidade e no bairro?

Entrevistado	Síntese
1	Sim, “ <i>mas futuramente pretendo mudar, quando vim pra cá era bem calmo, mas agora movimento aqui ta aumentando, quero tranquilidade</i> ”.
2	Sim, “ <i>daqui só já pra trás da catedral</i> ”
3	Sim, <i>aqui é um bairro bom pra se morar</i>
4	Sim, “ <i>Eu gosto daqui</i> ”
5	Sim, “ <i>já estou acostumado</i> ”

Fonte: Trabalho de campo, data exata 2023. – organizado pela autora

Das 5 respostas, todos os entrevistados defendem a permanência no bairro, os entrevistados optam por continuar morando em suas residências. Relatam a preferência pela continuidade no bairro por diversas questões, entre elas o costume, a estabilidade e as vendas, apenas um diz não se sentir à vontade com o movimento que está aumentando no bairro, mas mesmo assim, pretende permanecer por enquanto.

Quadro 05: A renda adquirida com o seu trabalho na cidade é suficiente para manter você e sua família?

Entrevista	Síntese :
1	<i>sim, “graças à Deus”</i>
2	<i>sim, “dá e ainda sobra, graças à Deus”</i>
3	<i>Sim, “ dá sim, amém”</i>
4	<i>Sim, “ graças à Deus a gente consegue viver bem”</i>
5	<i>“ Até agora sim, eduquei todos os filhos, eu tenho cinco filhos, todos se formaram e tão exercendo a profissão deles”</i>

Fonte: Trabalho de campo, data exata 2023. – organizado pela autora

Todos os entrevistados relataram que a renda adquirida com o próprio negócio construído, no bairro, é suficiente para a manutenção da família. E que apesar das mudanças ocorridas no bairro, como a instalação de supermercados maiores, não interferiu bruscamente no comércio, pois eles ainda continuam com suas vendas de produtos fracionados e isso faz com que muitos clientes, ao redor, comprem incluindo o uso de cadernetas que ainda continua sendo algo bastante comum entre eles, que dá a oportunidade de prazo de pagamento aos clientes. Nesse sentido, a mudança desses migrantes para o bairro os deu a oportunidade de se reconstruir financeiramente e a contribuir com o crescimento do bairro.

3 A RETERRITORIALIZAÇÃO DOS MIGRANTES- RESULTADO E DISCUSSÕES

A trajetória de nordestinos na Amazônia, desde os primeiros migrantes, foi marcada por luta e sofrimento dos sobreviventes da seca de sua região de origem, a sobrevivência na região Amazônica. As riquezas das florestas, juntamente com as diversas possibilidades, com o passar do tempo, trouxe paz e confiança. Embora o clima da região, a comida e os costumes divergentes tenham causado estranhamento no início, alguns conseguiram se adaptar e se reconstruir na nova região, no entanto muitos não conseguiram e optaram por retornar.

Essas relações reproduzidas por migrantes são identificadas por redes, redes de apoio e redes de relações sociais ainda mantidas por muitos. Essas redes são importantes no processo de reterritorialização, como meio de manter o migrante interligado dos dois lados, do território deixado e do território reconstruído.

Desse modo, as relações construídas ao longo do processo migratório mostram que o território se inspira como base material e simbólica ao processo de reterritorialização. Santos (2007) aponta que “território é a base material e simbólica, o espaço-tempo que permite ao migrante reconstruir suas relações sociais (domésticas e/ou familiares) e reterritorializar-se, pois: Colocar o território como o ponto nodal, significa, sobretudo, reconhecer que o movimento da população é um dos elementos fundamentais da história do território e, ao se territorializar, a migração torna-se uma questão da sociedade e não dos migrantes, em sua invisível rede de solidariedade doméstica”. Santos 2007 aponta ainda que:

a migração é um fato eminentemente político (e, portanto, de poder) e se liga ao território, ao processo de reterritorialização. Logo, nessa perspectiva, a compreensão das redes sociais possibilita trazer à luz e apreender o conteúdo cotidiano das práticas espaciais/sociais dos migrantes, atores que produzem significados e, por isso, ressignificam suas relações sociais (e, por extensão

sua base material e simbólica) através das experiências imediatas (individuais e coletivas) que efetivam no território de destino. (SANTOS ,2007, p. 69).

Ao efetivar essas relações os migrantes estão dando espaço para a sua permanência em um novo território, compartilhando suas vivências e adquirindo novas experiências. Já na pesquisa, o migrante, ao se direcionar para o bairro buscou a melhor maneira de se estabelecer. Estes nordestinos, por sua vez, detalham seu processo de viagem de sua cidade natal até o município de Parintins, destacando que sua maior motivação foram as questões financeiras.

Além de político, a migração também é vista como um fato econômico, pois numa análise sociológica coloca que “as migrações acontecem desde antes do século XX e, assim como outras “modalidades migratórias”, “estão diretamente relacionada com os ciclos econômicos e com as redes relacionais fundadas na origem e no destino ou até mesmo na circularidade dos “territórios migratórios”, as motivações e causas serão derivadas dessas condições econômicas e sociais”.

Desse modo, pois estes ao chegarem em Parintins encontraram um terreno amplo para pôr em prática suas habilidades comerciais. Essa afeição pelo trabalho comercial está presente em muitos nordestinos que residem na cidade, a cada área comercial existente na cidade há comerciantes nordestinos. É nítido, quando observado por Parintinenses, pois o sotaque, a insistência e modo de persuasão realizada por nordestinos é diferente dos comerciantes locais.

Apesar da longa trajetória realizada por migrantes até a chegada ao bairro, todas as cargas simbólicas sempre acompanharam cada um. Todos os colaboradores viram no bairro a oportunidade de comercializar e crescer financeiramente. No entanto, não foi algo mecânico de vir apenas trabalhar, todos construíram vínculos familiares, amigos, clientes a partir de então uma nova rede de relações, mas apesar de toda essa reconstrução mantiveram suas identidades. Nesse sentido:

A ideia de cultura como processo significante”, sistema de construções sociais e simbólicas. Essas construções se dão por meio de relações estabelecidas entre território e indivíduos(..) essas relações produzidas se refletem nas experiências e percepções que as pessoas extraem de um determinado local, as quais configuram as identidades e os sentimentos de pertença coletivos e pessoais, ou seja, que concebem o sentido de lugar. Linearmente, as análises e os conceitos envolvem um caráter dialético que se baseiam no espaço como produção, do lugar como vivência e prática, e da paisagem como representação (SARMENTO, AZEVEDO, PIMENTA, 2006, p. 08).

Apesar de não terem participado de forma ativa do início das ocupações, aproveitaram para melhorar suas condições de vida por meio das vendas, se instalando nessa fração recente

do espaço urbano. Porém, não foi de maneira fácil e espontânea, foi diante de muita persistência e trabalho que continuaram até se instabilizarem.

Desse modo, a hipótese apontada de que os atributos identitários e culturais foram reterritorializados em um novo ambiente como forma de minimizar os impactos da migração corroboram com os relatos dos entrevistados, pois cada migrante ao falar da sua terra natal, deixa evidente que essas cargas simbólicas permanecem com eles, mesmo migrando com faixa etária diferenciadas ainda estão bem presente nas suas vidas, apesar dos longos anos vividos em Parintins.

Sendo assim, estes comerciantes têm uma grande importância para o quadro socioeconômico Parintinense, pois eles com suas habilidades e competências têm adquirido prática e técnica na arte de comercializar. Segundo relatos dos entrevistados, vem do esforço do cansaço de uma vida sofrida em sua região, vem da necessidade de crescer financeiramente e ter um futuro melhor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo busca mostrar o processo de reterritorialização de migrantes em Parintins, em que o referencial teórico apresentado demonstra que a TDR nas migrações são carregadas de aspectos (culturais, identitários, econômicos e até políticos), como uma rede de apoio ao migrante. As redes de apoio mútuo foram confirmadas, na qual se mostram fundamentais na permanência e reconstrução de migrantes.

Com uma parcela da população do Estado tendo origem nos Estados do Nordeste brasileiro, as influências destes povos nos hábitos e modo de vida do amazonense são inúmeras. Parintins tem uma população que foi formada de indígenas de várias etnias, migrantes vindos de várias regiões, e até mesmo imigrantes oriundos de países vizinhos nos últimos anos.

O espaço urbano se revela em sua construção das periferias como um aglutinador das contradições, onde pelas constantes crises e fases de migrações, os migrantes carregam consigo elementos que são resistências às difíceis adaptações em terras de “oportunidades”, mas também repletas de desafios, precariedade e diversas formas de reterritorialização que os migrantes constroem.

Desse modo, permite a formação de novas territorialidades e novas formas de concepção do uso materiais e imateriais do espaço, perceptíveis pela carga cultural e

econômica. Fica evidente em nosso percurso analítico que o processo só pode ser entendido em sua multidimensionalidade, onde ao mesmo tempo que processos materiais são reproduzidos (moradia, comércio, alimentação), aspectos identitários, culturais e simbólicos também permeiam a territorialidade desses migrantes, agora Parintinenses. Nas periferias das cidades da Amazônia, primordialmente das mais pequenas e das médias⁴ como Parintins. redes sociais, formas de comércio, manutenção da memória e produção do espaço urbano passam a ser parte das estratégias de vida, onde reencontros também ocorrem pelas recentes tecnologias. Um tema desafiador que faz parte do cotidiano dos interiores da Amazônia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Gilciandro Prestes de. História e Memória: da fundação do bairro de Paulo Corrêa ao seu processo de urbanização desenvolvido até os dias atuais. **Monografia**. Departamento de História. Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA. Parintins, 2009.

BENCHIMOL, S. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1982. BRASIL Decreto nº 16.763, de 31 de dezembro de 1924a.

DAS GRAÇAS NASCIMENTO, Maria. Migrações nordestinas para a Amazônia. Presença, p. 14. **REVISTA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E MEIO AMBIENTE**. Dez.-Nº 12, Vol II, 1998.

RODRIGUES, Regiane C. **As origens dos bairros Itaúna I e II “de fazenda a Bairro”:** história da formação do bairro Itaúna e suas transformações sociais. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de História da Universidade do Estado do Amazonas UEA/CESP/Parintins-2008.

DELUEZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs – **capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Migração e desterritorialização. Cruzando fronteiras disciplinares:** um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, p. 35-46, 2005.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: [https:// cidades.ibge.gov.br/brasil/am/Parintins/panorama](https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/Parintins/panorama) . Acesso em 22/02/2023

⁴Parintins exerce centralidade e dinâmica diferenciadas das demais cidades do baixo Amazonas, caracterizando-se como uma cidade média de responsabilidade territorial (BARTOLI et al., 2019), Escalas de análise, dimensões e aspectos de uma cidade média no Amazonas. Parintins, uma cidade de responsabilidade territorial. In: William Ribeiro da Silva; Tatiana Schor. (Org.). Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Resende e Parintins. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022, v. 1, p. 165-177.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais , segregação e pobreza em São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP; Centro de Estudos da Metrópole, 2010. 216p.

PORTELLI, **Alessandro**. **História oral como arte da escuta**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Redes e território: reflexões sobre a migração**. In: DIAS, L. C. SILVEIRA, R. L. da. **Redes, sociedades e territórios**. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, pp. 51-78.

SAQUET, Marcos. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre/RS: EST Edições, 2003 (2001).

SARMENTO, João; AZEVEDO, Ana F.; PIMENTA, José R. **Ensaio de Geografia Cultural**. Livraria Editora Figueirinhas, Porto,2006.

SILVA, Patrícia Regina de Lima. **Do espaço lembrado ao espaço vivido: narrativas orais de mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX**. 2017. 2017.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O Processo de Urbanização da Cidade de Parintins (AM): Evolução e Transformação**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano**. Ática, 1989.

Des-territorialização e identidade : a rede “gaúcha” no Nordeste / Rogério Haesbaert. — Niterói : EDUFF, 1997

SOUZA, Itamar. **Migrações Internas no Brasil**. São Paulo, **Dissertação de Mestrado, Mimeog.**, FFLCH/USP, 1978.

MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar. **Os Degredados Filhos da Seca**. Petrópolis, Vozes, 1984. SILVA, Maria das Graças S.N. **Espaço Ribeirinho: Migrações Nordestinas para os Seringais**

CHELOTTI, Marcelo Cervo. **Reterritorialização e identidade territorial**. *Sociedade & Natureza*, v. 22, p. 165-180, 2010.

PONTES, Carlos José Farias. **O primeiro ciclo da borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso**. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, v. 1, n. 1, 2014.

PONTES, Carlos José Farias. **A GUERRA NO INFERNO VERDE: Segundo Ciclo da borracha, o front da Amazônia e os Soldados da Borracha.** South American journal of basic education, technical and technological, v. 2, n. 1, 2015.

Resumo do livro **O Espaço Urbano, de Roberto Lobato Corrêa** (Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 1995. p.1-16.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus por me abençoar e permitir estar viva com saúde e determinação para continuar e finalizar este trabalho. Agradeço à minha família, minha mãe, Ana Alice, meu pai, Marcelino, que são meus alicerces e me ajudaram a nunca desistir dos meus objetivos, sempre estando presente me apoiando de todas as formas. Aos meus irmãos, Monick Marcela, meu irmão Maximilian, e minha cunhada, Adriane, por toda força e incentivo. Agradeço à minha filha, Alice Sophia, que é minha maior inspiração e força que me mostra a cada dia o real sentido de amor verdadeiro, à minha amiga Renata que sempre esteve me apoiando nessa última etapa. Agradeço aos meus professores da Universidade do Estado do Amazonas, os quais me ajudaram dando suas contribuições para minha formação, em especial ao meu orientador professor Dr Estevan Bartoli o qual se disponibilizou a me ajudar na construção desse artigo, com toda paciência e profissionalismo. Aos meus colegas de graduação Elisandra Inácio, Elton Carvalho, Leciane Conceição e Willyan Nascimento os quais sempre pude contar e compartilhar bons momentos assim como o restante dos meus colegas que não citei. Aos funcionários da Universidade que sempre estão dispostos a colaborar com os estudantes, mesmo em momentos inoportunos, pois durante a jornada acadêmica nos deparamos com diversos desafios. Contudo, agradeço à todos que ajudaram de forma direta e indireta para que eu chegasse até aqui e concluir essa graduação. Gratidão.